

Por que trabalhar com a estruturação do ambiente na Educação Infantil?

Gisete Presídio Almeida*

“Os espaços devem refletir os princípios educativos em que se baseiam e a prática dos profissionais de educação infantil que neles agem. As crianças precisam de espaço para movimentar-se, correr, esconder-se, olhar-se, engatinhar, andar, saltar, pular, experimentar, mexer, descansar. Precisam ficar sozinhas ou com amigos para desenhar, construir, pintar, dançar, ler, pensar, cantar, pesquisar, conversar, subir, descer, gritar ou ficar quietas...” (Abranowicz, 1995, p.15)

Em 1991, a estrutura da nossa escola era composta de 3 salas, 1 cozinha e 2 caixas de areia, localizadas na parte da frente do prédio e na parte inferior.

No decorrer dos anos procuramos adaptar e ampliar o espaço da escola às necessidades e interesses das crianças pequenas e das suas famílias. Inicialmente construímos uma casinha bem pequena, para entretenimento, mudamos a fachada, agora tão linda, com muitas estrelas, sol e lua, corrigimos as escadas, que ficaram mais largas e degraus mais baixos, colocamos corrimões, retiramos os pisos, ampliamos a área do parque e equipamos com novos brinquedos. Depois, construímos mais salas e área para recreação, decoramos e organizamos o espaço para ficar mais bonito, acolhedor, limpo, seguro e amplo para o melhor deslocamento e conforto de todos aqueles que o utilizavam. Espaços abertos e ventilados e em condições de higiene são essenciais, do contrário podem gerar apatia e agressividade. Ter uma visão ampla das diferentes necessidades era muito importante para que crianças, professores e pais se sentissem à vontade e acolhidos no ambiente escolar. A vontade era enorme de oferecer um espaço lúdico e apropriado para a ação educativa.

Para proporcionar uma educação de qualidade, segundo Zabalza (1998), a organização dos espaços é fundamental. Condição básica para levar adiante todos aspectos que poderiam garantir a qualidade da ação pedagógica. Para este autor, as aulas convencionais com espaços indiferenciados são cenários empobrecidos, dificultado seriamente uma dinâmica de trabalho baseada na autonomia e na atenção individual de cada criança. São necessários espaços amplos, bem diferenciados, de fácil acesso e especializados, facilmente percebidos pelas crianças, não só em relação a sua função como também das atividades a serem desenvolvidas .

Paniagua e Palácios (2007) também sinalizam a necessidade de colocar a criança em contato com ambiente enriquecido de um amplo leque de ofertas que abarque todos os aspectos do seu desenvolvimento, respeitando o modo como aprendem, para que possam desenvolver todo o seu potencial. O meio físico deve ser muito estimulante, com materiais variados, que se constituam em um verdadeiro convite à brincadeira construtiva, à interação entre iguais e à experimentação.

Formosinho (1998), ao analisar organização do ambiente físico, um dos componentes da estrutura curricular High/Scope, verifica a importância de se criar um espaço nítido, com “divisão clara do espaço”, como sendo condição fundamental para que a criança não se “perca” e possa, assim, ser independente das pessoas adultas. Um espaço bem montado, organizado, com áreas de trabalho bem definidas e variadas, com muitas alternativas e materiais diversos e estimulantes, visíveis e ao alcance da criança dá a ela muito mais possibilidade de independência para por em prática a sua condição de escolher, de tomar decisões e em decorrência afirmar-se.

Comentando sobre a sala de aula, Weinstein & Migano (1993), observam que este espaço geralmente é tido como um cenário, ou pano de fundo, para a interação. Para os autores, em primeira instância, fatores físicos podem influenciar o comportamento, facilitando certas atividades e obstruindo outras. Em uma sala de aula tradicional, por exemplo, carteiras dispostas em filas podem afetar a participação dos estudantes em uma discussão geral, pois há dificuldade de se ouvir e ver todas as pessoas. Neste exemplo, valores e intenções são comunicados por uma simples disposição do mobiliário e organização espacial.

Nós, da Escola Experimental tínhamos uma proposta construtivista há mais de 4 décadas e a “Formação Continuada”, realizada dentro do nosso espaço, levava a equipe a esperar da gestão escolar o atendimento de mais um desafio, a estruturação do ambiente da sala de aula para possibilitar uma melhor qualidade no ensino e aprendizagem para nossas crianças. Gerir com responsabilidade o espaço faz parte das atividades do gestor educacional. O entendimento que tem sobre seu papel na dinâmica escolar e como se posiciona é decisivo para determinar a qualidade da instituição. É o articulador de demandas e soluções para a aprendizagem das crianças. Arregaçamos as mangas e mais uma vez, derrubamos as paredes, ampliamos fisicamente cada sala de aula e construímos novos espaços. A visão pedagógica deve permear sempre as nossas ações administrativas.

Ano 2008, fevereiro exatamente, iniciamos o ano letivo com salas de aula ampliadas, com a estruturação dos diversos cantos diversificados: canto das artes plásticas, canto do jogo simbólico, canto da matemática, canto da construção, canto da leitura e tantos outros cantos ou atividades diversificadas quanto a possibilidade de criar de cada profissional, atendendo às necessidades e interesses da sua turma. Tudo isto, para contribuir na formação de crianças mais autônomas e independentes do adulto, que podem fazer suas escolhas. Ambiente que favorece a interação, o trabalho em pequenos grupos e a aprendizagem.

Segundo DeVries e Zan (1998), para promover o desenvolvimento infantil, objetivo mais abrangente da educação infantil, deve-se organizar a sala de aula levando em consideração as necessidades das crianças, interações entre colegas e suas responsabilidades. Necessidades físicas de comer, de ir ao banheiro e repousar. Organizar o ambiente para atender as necessidades emocionais, que encoraje e apóie as expressões de sentimentos, interesses e valores pelas crianças, aceitar o direito de sentir raiva e tristeza, bem como sentimentos positivos. Atender as necessidades intelectuais, organizando o ambiente para estimular o interesse da criança e oferecer um conteúdo que aguace a sua curiosidade e as inspire a descobrir como fazer algo. Para as autoras, a satisfação das necessidades intelectuais está vinculada à satisfação de suas atividades físicas e emocionais.

Estruturar o ambiente para a interação com colegas, durante a roda, encoraja as crianças a falarem umas com as outras e não apenas com o professor, ao ajudar a solucionar um problema, quando surgem as diferentes opiniões entre elas. Intercâmbios entre as crianças ocorrem na hora da chegada, nos pequenos grupos, no parque, na hora do lanche. Organização excessiva da interação não é recomendável, reduz a motivação e a atividade da criança, não respeitando seus sentimentos. Os alunos devem ter liberdade de escolher seus companheiros.

Organizar o ambiente para a responsabilidade da criança, também contribui para promover o seu desenvolvimento. Crianças que utilizam materiais e móveis na sala de aula são capazes de observar o que ocorre quando os mesmos não recebem o cuidado necessário. Quando os materiais não são colocados em seus devidos lugares e não conseguem encontrá-los, que os pincéis não tampados, secam e, não servem para serem reutilizados, quando as mesas ficam molhadas e sujas, não podem fazer outros trabalhos. Quando ocorrem estes eventos o professor pode tirar vantagem da oportunidade para discutir em grupo sobre a forma de resolver. Deve-se compartilhar

com a criança, na visão de DeVries e Zan (1998), a responsabilidade de fazer as regras, pois ao sentir-se donas das mesmas, ficam mais propensas a segui-las também.

Na Escola Experimental, a nova estruturação da sala de aula, no início, começou a ser traduzida pelas as crianças como sinônimo de correrias nos novos cantos, não conseguindo permanecer nas áreas escolhidas e conflitos constantes surgiram para o domínio dos materiais. Toda a equipe empenhada em compreender sobre o novo momento, refletiu sobre a prática educativa, buscando contemplar nos seus planejamentos nova maneira de atuar, novas estratégias pedagógicas, trazendo atividades que realmente atendessem as interesses dos pequenos estudantes, harmônicas com os objetivos propostos de formar pessoas autônomas e materiais cuidadosamente escolhidos. Aos poucos, passaram a interagir com os seus pares realizando as atividades planejadas na grande roda.

Nas novas salas procuramos atender as necessidades das crianças no momento de se alimentarem, de irem ao banheiro, de guardarem seus pertences, de pegarem seus materiais, sempre disponíveis em locais de fácil acesso, prateleiras, murais e cabides ao seu alcance, ajudando a desenvolver sua autonomia e também contribuindo para o seu conforto físico. No nosso cotidiano acolhemos cada uma das nossas crianças, reconhecendo-as pelo nome, com suas características individuais, demonstramos carinho e afeto, aceitando como são ao expressar seus sentimentos de alegria ou de tristeza. As crianças sentem-se seguras e confortáveis neste ambiente de atmosfera agradável, onde é possível fazer suas escolhas. As salas de aula são organizadas e decoradas com murais, onde são expostos suas produções escritas, seus desenhos e projetos, com quadro de responsabilidades, com calendário e histórias da semana. São ocupadas refletindo os princípios educativos da prática pedagógica, com os quais os nossos profissionais se baseiam. As crianças sentem-se verdadeiramente donas deste espaço escolar. É um território cultural na visão de Abranowicz (1995).

A nova estruturação delinea um novo ambiente de aprendizagem, contribuindo para a autonomia, segurança e descobertas do aluno, onde se torna possível fazer trocas de experiências, resolver conflitos, expressar emoções e sentimentos. Acolher a criança neste espaço organizado é de muita importância, pois influência em tudo o que a mesma faz, interfere na sua percepção de realidade, modifica suas atividades e a maneira como utiliza seus materiais, determinando as suas escolhas. Nossas salas são ambientes de aprendizagem conforme está sinalizado no nosso Projeto Político Pedagógico.

O professor atua como guia no desenvolvimento da criança, mediando, apoiando e incentivando a autonomia infantil, a independência em relação ao adulto ajudando a tomar decisões, a refletir sobre problemas e encontrar soluções, construindo o seu conhecimento e o seu crescimento. Estimula as crianças a apresentarem idéias sobre o que aprender e facilita a exploração, experimentação. Age como um companheiro, como participantes nos jogos. Progressivamente confiança e segurança vão sendo desenvolvidas pelas crianças, ampliando sentimento de competência e sentido do eu, avaliando o que são realmente capazes de fazer ou não fazer, sozinhas e ou com ajuda de outras pessoas. Atua ainda, o professor, com a preocupação de desenvolver e ampliar a cooperação entre os alunos, ao estimular que colaborem entre si na divisão dos brinquedos e jogos, na arrumação dos materiais, formando a identidade do grupo .

David & Weinstein (1987) afirmam que cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil deveriam ser atendidas ao ser construídos ambientes para crianças: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidade para o crescimento, sensação de segurança e confiança, como ainda oportunidade para o contato social e privacidade.

Os indivíduos não são soltos no espaço, vivem em determinado momento histórico-social e os espaços e objetos exercem papel crucial para o desenvolvimento da identidade pessoal, estando intimamente ligada à noção de lugar, que consiste de conhecimentos sobre o mundo na qual a pessoa vive. Levando em conta essas considerações, os autores são favoráveis que os ambientes institucionais ofereçam oportunidade para as crianças desenvolverem sua individualidade, permitindo-lhes ter seus próprios objetos, personalizar seu espaço e, sempre que possível, participar nas decisões sobre a organização do mesmo.

Ser competente é desejo de todo ser humano, mais intenso na criança, pois sempre está frente a novos desafios e tarefas. Logo o ambiente infantil deve ser planejado e organizado para dar oportunidade às crianças desenvolverem o domínio e controle sobre o seu entorno, fornecendo instalações físicas para satisfação das suas necessidades – tomar água, pegar roupas e toalhas, ter fácil acesso a prateleiras e materiais, sem assistência constante. Colaboram para o desenvolvimento da competência a presença de delimitações, caminhos que liguem as áreas e que ajudam no planejamento e execução de atividades com maior concentração e menos interrupções.

Explorar ambientes ricos e variados possibilita o desenvolvimento cognitivo, social e motor, o que determinará o crescimento da criança. Os ambientes devem oferecer oportunidades para movimentos corporais, para correrem, andarem, subirem, descerem e pularem com segurança, permitindo-lhes tentar, falhar e tentar uma próxima vez. Os ambientes devem ser organizados para oportunizar a estimulação dos órgãos do sentidos. Espaços internos devem se abrir, para áreas externas cobertas e não cobertas, sendo de grande importância a presença de elementos naturais dentro dos interiores, como salas que permitam a iluminação natural e a entrada de sol, a visão do céu, de árvores e de passarinhos, a presença de vasos com plantas e flores. A variação deve ser procurada em todos os sentidos: cores e formas; música e vozes e de alimentos feitos; oportunidades de provar diferentes sabores. Estimular o toque oferecendo materiais de diferentes texturas, duros, moles, quentes e frios, vibratórios e estáveis e outros. Essas variações ajudam a criança a buscar atividades e níveis de estimulação apropriados às suas necessidades nos vários momentos do dia.

Por último, o ambiente deve promover oportunidades para contato social e privacidade, onde as crianças expressem seus sentimentos, façam trocas. Espaços privados ajudam a expressar sentimentos, em especial o de raiva, angústia e frustração, longe do olhar dos outros, isolando-se momentaneamente, do ritmo rápido do grupo.

O que queremos e como são os cantos diversificados na Escola Experimental?

Com a nova estruturação da sala de aula, organizada com os cantos diversificados, temos como principal objetivo possibilitar a escolha de atividades pelas crianças, facilitando a interação, o trabalho em pequenos grupos e a aprendizagem, independentemente da determinação do professor, conforme sinaliza tão enfaticamente o nosso Projeto Político Pedagógico.

As salas da Educação Infantil são organizadas com diversos cantos:

Canto da linguagem – ambiente tranquilo e acolhedor , composto por tapetes, almofadas de tamanhos variados, estante com livros, catálogos, revistas, folhetos, lápis e papel ofício, todos acessíveis às crianças.

Canto do jogo simbólico – ambiente alegre, com cores vivas, composto por espelho, cabideiro , roupas e fantasias variadas, com acessórios múltiplos - pulseiras, colares,

óculos, chapéus, sapatos, além de uma casinha com cama, penteadeira, fogão e armários.

Canto dos jogos e blocos de construção – jogos diversos fazem parte deste ambiente, juntamente com blocos de madeiras de peso , tamanhos e formas variadas , carrinhos e brinquedos de encaixe e cubos grandes vazados.

Canto das artes – este possui mesas e cadeiras, tintas , lápis, papeis variados não só com relação ao tamanho, mas a cor, a textura e ao tipo e diversos outros materiais que fazem parte da rotina da educação infantil.

Canto da matemática – composto também de tapete, almofadas, mesa baixinha, sapateira com materiais de contagem, fita métrica, calendário, régua, máquina de calcular, dados e jogos de contagem.

Para finalizar, afirmamos que na prática pedagógica da Escola Experimental os espaços externos também são considerados de grande importância para viabilizar uma melhor qualidade de ensino e aprendizagem na Educação Infantil , o que nos faz a todo tempo continuar buscando alternativas para ampliação dos mesmos no interior da nossa escola. Ainda não sabemos como, nem de que forma, mas temos a certeza da possibilidade. Espaços abertos, ventilados, cobertos, descobertos e seguros onde é possível correr, pular, saltar, experimentar, esconder são os que as crianças precisam para o seu desenvolvimento cognitivo, social e motor.

Bibliografia:

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. Educação Infantil: Resposta educativa à diversidade. Artmed: Porto Alegre, 2007

ZABALZA, Miguel. Qualidade na Educação Infantil. Artmed: Porto Alegre, 1998.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. Aprender e ensinar na Educação Infantil. Artmed: Porto Alegre, 1999.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. Educação Infantil: Muitos Olhares. Cortez Editora, 1995.

DeVRIES, Rheta; ZAN, Betty. A Ética na Educação Infantil. Artmed: Porto Alegre, 1998

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO : Escola Experimental. Junho/2002

FORMOSINHO, Julia. In: ZABALZA, Miguel .Qualidade na Educação Infantil. Artmed: Porto Alegre, 1998.